

1970

Lettre du Père Ernest Lecomte à l'Evêque d'Angola et Congo — (19-XII-1893)

António Brásio

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/angolavol4>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Recommended Citation

Brásio, A. (Ed.). (1970). Lettre du Père Ernest Lecomte à l'Evêque d'Angola et Congo. In Angola: 1890-1903. Pittsburgh, PA: Duquesne University Press.

This 1893 is brought to you for free and open access by the Spiritana Monumenta Historica at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Angola: 1890-1903 by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

LETTRE DU PÈRE ERNEST LECOMTE
A L'ÉVÊQUE D'ANGOLA ET CONGO

(19-XII-1893)

SOMMAIRE — *Manque de ressources et de personnel pour la besogne immense. — Changement de méthode apostolique. — Projets pour l'avenir et nouvelles fondations.*

N.º 21.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

Contava vir pessoalmente expor a V. Ex.^a Rev.^{ma} o estado das coisas nestas nossas missões do distrito de Benguela e receber as suas ordens relativamente ao bom andamento e maior desenvolvimento das nossas obras, porém diversas circunstâncias alheias à minha vontade não me deixam ausentar-me do planalto, pelo que rogo a V. Ex.^a Rev.^{ma} permita-me satisfazer por carta o meu dever.

A missão da Huíla já tem sido honrada com a visita de V. Ex.^a Rev.^{ma}, que espero qualquer dia dignar-se conceder-nos também o mesmo favor, não por o merecermos, visto que não temos aqui resultados que possamos, como aquela nossa irmã mais velha, apresentar a V. Ex.^a Rev.^{ma}, mas sim por amor de nos animar nestes humildes começos.

Devo confessar que às vezes sinto-me como que desalentado vendo tamanha tarefa, tantas dificuldades e provações, tão pouco pessoal e tão diminutos recursos, com o receio de que se venha a verificar o provérbio que diz: «quem muito abarca pouco aperta», pois foi contra a vontade que *abalancei-me a*

tantos cometimentos, decerto superiores às minhas forças. São palavras do Dr. Pedroso e na verdade parece que houve mais atrevimento do que prudência em nossas empresas, mas, repito-o, a culpa não foi minha.

Faz apenas quatro anos que desembarcámos em Benguela, encontrando todo este interior no abandono completo sem estrada, sem meios de comunicação e de transporte, sem recursos locais. Perde-se mais dum ano em buscas e ensaios à procura de um sítio próprio para o nosso estabelecimento e mais outro gasta-se em desbravar matos e construir abrigos provisórios e já é preciso dividir pessoal e recursos, tendo eu que ir dar princípio a mais outra missão no Bié, não havendo ainda em Caconda nada organizado. Além disso permite a divina Providência que nos seja tirado um importante reforço de obreiros sem os termos aproveitado, deixando-nos sobrecarregados de trabalhos, para receber e instalar as Irmãs e raparigas em cubatas miseráveis, edificadas à pressa, no tempo que se vão prosseguindo as construções da missão.

Mal chegámos ao Bié que já nos chamam em Bailundo, e há quem quer que vamos até ao vale do Zambeze, apesar de não termos ainda conseguido ocupar a missão Maria Amélia, no Cubango, e sendo a própria existência da nossa antiga e principal casa de Cassinga seriamente ameaçada.

É claro que não podemos continuar assim, é tempo de pararmos e avisar ⁽¹⁾ aos meios de sustentar o que temos empreendido até o dia de hoje, pois já será custoso dar algum desenvolvimento a qualquer destas obras, o que exigia que desde o princípio fossem concentrados os nossos esforços como se tem feito na Huíla e teríamos agora assentado as bases de uma missão completa, quando pelo contrário somos obrigados a lutar para simplesmente viver.

(1) Gallicisme évident: reflectir, pensar, ponderar.

Contudo eis aqui o que creio se poderá fazer, com o auxílio de Deus. Temos tido seis contos de subsídio anual, o que seria quantia de certo suficiente sendo destinada para uma só casa, mas que é repartida por três casas, a saber: dois contos para a missão de Caconda, dois para as Irmãs, dois para a missão do Bié, que mal chega para sustento do pessoal e o material indispensável, devendo eu prover à subsistência dos educandos com avultadas esmolas vindas de fora.

As quantias recebidas da Subscrição Nacional foram destinadas às construções da missão do Bié e da casa das Irmãs em Caconda, sendo parte consumida em compras de material, carros, etc. Não sei se receberei mais alguma coisa da mesma Comissão para estabelecer a missão Maria Amélia, no Cubango, posto o mais adiantado a Leste.

Daqui em diante teremos mais dois contos, que são para sustento da missão do Bailundo, a qual não se pode fundar sem ter adiantadamente uma quantia especial, seja por subsídio extraordinário, como o tem conseguido a missão do Libolo, seja mesmo pondo de parte os dois contos deste ano e mais os dois do ano que vem, de modo que possamos começar dentro de doze a dezoito meses.

Por ora, além das obras de Caconda e Bié devo providenciar para que se ocupe a missão Maria Amélia, no Cubango, que é impossível adiar mais, e cuidar de outro estabelecimento, cujo projecto venho sujeitar à aprovação de V. Ex.^a Rev.^{ma}.

Até ao presente temos em Cassinga a nossa obra principal, com o asilo central para rapazes resgatados e aldeia cristã. Esta localidade, que nunca nos tem satisfeito plenamente, torna-se menos própria do que em tempo algum para este fim. Em primeiro lugar não há mais segurança e ficamos à discrição dos salteadores do Cuanhama, não podendo contar com a protecção do governo e não sendo autorizados a nos armar e defender à nossa custa, enquanto os Cuanhamas são eles cada

vez mais atrevidos e bem armados, que não há leis senão para a gente que faz caso delas. Antes queremos nos retirar e nem mesmo sei se teremos tempo de escapar a alguma desgraça. Já tem fugido quase todo o povo e o resto marcha também depois das chuvas; de mais a mais a terra é doentia, tem sido nosso cemitério e os terrenos não prestam. Diz-se que descobriram minas de ouro, mais um motivo para que não se conserve ali uma casa de educação. //

Lembrei-me de transferi-la para este lado do Cunene, a pequena distância de Caconda, julgando que a V. Ex.^a Rev.^{ma} não nos recusaria a licença precisa, visto ser o pessoal o mesmo de Cassinga e os recursos os mesmos que têm sido, esmolas da Santa Infância e Associação Antiescravagista; não causando prejuízo algum às missões do bispado, seria esta mais outra sujeita à jurisdição de V. Ex.^a Rev.^{ma}.

Fica o sítio escolhido a 13 horas a Sudoeste de Caconda, no lugar dito de Fende (Malanca, no último mapa) na margem do Cunene e no caminho de Cassinga e Cubango, reúne todas as condições necessárias, a vala tira-se mesmo do Cunene, há uma grande porção de excelentes terrenos, bons pastos, etc., e parece que será saudável.

A actual Missão de Caconda fica o asilo das raparigas e escola dos rapazes indígenas e evangelização dos povos. A casa de Fende seria exclusivamente destinada para a educação de rapazes resgatados e o seu estabelecimento numa aldeia cristã, sendo principalmente aplicados aos trabalhos agrícolas, para que possam em breve sustentar-se por si mesmos.

Instalar-se-ão também algumas oficinas um pouco mais ou menos na forma do que se tem feito na Huíla, conquanto seja em ponto pequeno, pois não tenho pessoal nem recursos e muito menos a inteligência com que o Sr. P.^o Antunes tem alcançado os admiráveis resultados que V. Ex.^a Rev.^{ma} viu.

Se V. Ex.^a Rev.^{ma} o houver por bem tenciono começar já, mandando ali parte do pessoal de Cassinga, e rogo digno-se

abençoar estes humildes trabalhos dos seus inúteis servos, tendo a honra de assinar-me

De V. Ex.^a Rev.^{ma}

M.^{to} At.^o V.^{or} e obediente criado

Ernesto Lecomte

Missão de Caconda, 19-12-93.

AAL — *Gavetas* - Missões de Caconda — Autographe.